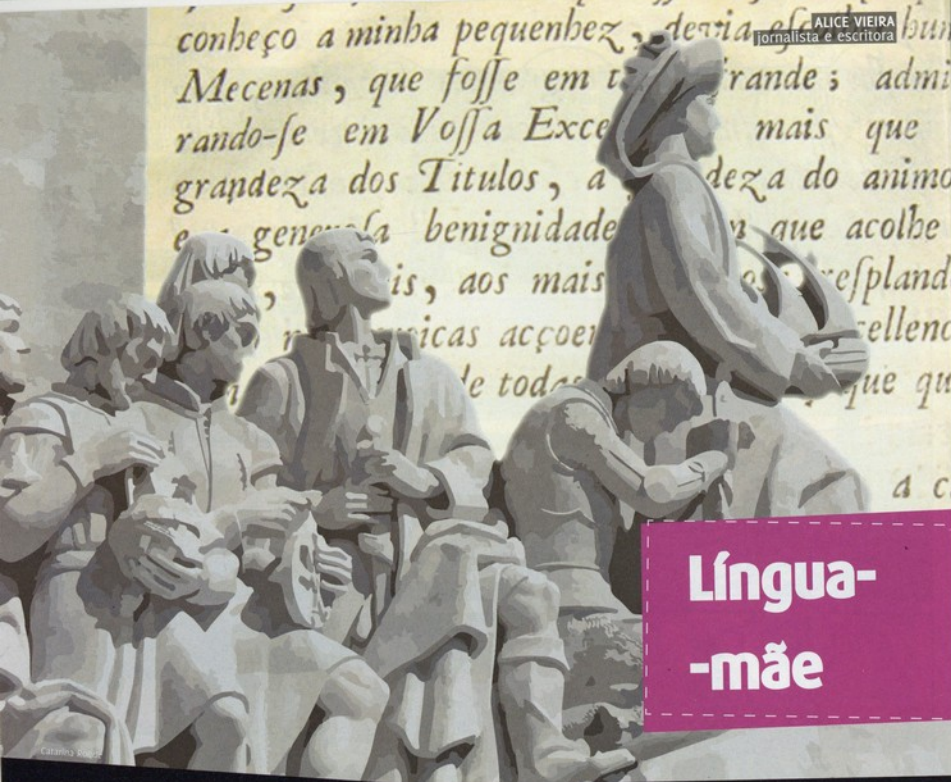


ALICE VIEIRA  
jornalista e escritora

## Língua- -mãe

PENSO A SÉRIO NAQUILO QUE A NOSSA LÍNGUA SIGNIFICA PARA NÓS, NO ELO ENTRE TANTOS POVOS QUE A FALAM, NA MARAVILHA QUE É LERMOS TEXTOS ONDE ELA PARECE RENASCEER, TAL É A CRIATIVIDADE DOS SEUS AUTORES.

Há dias estava eu a pensar no que iria escrever aqui hoje, enquanto ouvia uma canção da minha querida Luanda Cozetti, luso-brasileira, amiga do coração, mesmo. Era uma canção que falava de um namorado perdido, ela bem se esforçara, mas ele não estava nem aí. Ela tinha feito tudo, tudo, tinha até «esgotado o seu buarquês». Dei uma gargalhada e comecei a pensar como as pessoas podem ser criativas e brincar com a língua – e como é isso que faz uma língua estar viva. Com «buarquês» queria ela referir-se, evidentemente, às canções de amor de Chico Buarque...

Fiquei a pensar a sério naquilo que a nossa língua significa para nós, no elo entre tantos povos que a falam, na maravilha que é lermos textos onde ela parece renascer, tal é a criatividade dos seus autores. Porque uma língua tem de ser um corpo vivo. E de repente descobro que, no dia 21 deste mês, se comemora o Dia Internacional da Língua Mãe! Mesmo a propósito. Quando eu andava no liceu, todos sabíamos de cor uns versos do poeta António Ferreira, do século XVI. Ainda hoje os sei – e há dias, com um velho amigo, eu disse as três primeiras palavras e ele disse logo o resto... É assim:

«Floresça, fale, cante, ouça-se e viva A portuguesa língua, e já onde for Senhora vá de si, soberba e altiva.» Isto era o que sabíamos (sabemos...) de cor. Mas a continuação era igualmente importante: «Se até aqui estive baixa e sem louvor, Culpa é dos que a mal exercitaram. Esquecimento nosso e desamor.» E então fiquei a pensar nesse desamor à

flutuarejava nos céus. [...] Os deuses pilavam as nuvens cinzeas e a água se amendoinhava, grão a gota.» São ambos de grandes escritores de língua portuguesa.

O primeiro, do romance *Miguelim e Manuelzão*, do brasileiro João Guimarães Rosa (1908-1967); o segundo, do livro *Cronicando*, do moçambicano Mia Couto (atualmente a comemorar 30 anos de vida literária).

Parecem quase em língua estrangeira, mas são em português. A língua que os portugueses há séculos

## «Que bom idioma o meu, que boa língua herdámos...»

nossa língua que reina por aí, nos crimes que diariamente se cometem nos órgãos de comunicação e noutros lugares (e por pessoas) igualmente responsáveis – e como nas escolas se podia fazer tanto para inverter essa situação, para fazer com que os alunos saíssem a saber falar português e a amar a sua língua. E amar a língua não é papaguear os complementos oblíquos e outras maravilhas que as nossas crianças hoje aprendem. É dar-lhes bons textos. É fazê-los entender a força das palavras. É mostrar-lhes como o português não se reduz à língua que eles diariamente falam (aqueles que ainda falam...) Ora leiam estes pequenos textos:

1. «Homem se distraía, airado, do abarcável do vulto – dela aquela: que era uma capiôa barranqueira, grossa rôxa, demão um ressalto de papo no pescoço, mulher praeada nos quarenta, às todas unhas, sem trato. Mas que ardia ardor, se fazia. Os olhos tiravam mais, sortiam sujos brilhos, enviavam.»
2. «Primeiro todos se estupefactaram. [...] Incrustada em espanto, a família, a família encarava a anciã. Carolina monumentara-se, acrescida de muitos tamanhos. [...] A claridade





## «Dia 21, comemora-se o Dia Internacional da Língua Mãe»

levaram para o Brasil e para Moçambique. Como levaram para outras paragens.

Nem tudo o que então os portugueses fizeram por esses sítios foi de louvar. Mas deixaram-lhes a língua.

E termino com o excerto de um texto de Pablo Neruda, exatamente sobre este assunto:

«Amo tanto as palavras! As inesperadas, as que avidamente a gente espera, espreita, até que de repente caem. Vocábulo amado. Brilham como pedras coloridas, saltam como peixes de prata, são espuma, fio, metal orvalho. Persigo algumas palavras. São tão belas que quero colocá-las todas em meu poema. [...] Tudo está na palavra. Uma ideia inteira muda porque uma palavra mudou de lugar ou porque outra se sentou como uma rainha dentro de uma frase que não a esperava e lhe obedeceu. [...] São antiquíssimas e recen-

tíssimas. [...] Que bom idioma o meu, que boa língua herdámos dos torpes conquistadores. Eles andavam pelas américas encrespadas [...] com aquele apetite voraz que nunca mais se viu no mundo. Tragavam tudo: religiões, pirâmides, tribos, idolatrias iguais às que eles traziam em suas grandes bolsas. Por onde passavam a terra ficava arrasada. Mas caíam das botas dos bárbaros, das barbas, dos elmos, das ferraduras, como pedrinhas — as palavras luminosas que permaneceram aqui, resplandcentes. O idioma. Saímos perdendo... saímos ganhando. Levaram o ouro e deixaram-nos o ouro. Levaram tudo e deixaram-nos tudo. Deixaram-nos as palavras.»

Bom Dia Internacional da Língua Mãe!